

HISTÓRIAS MISSIONÁRIAS E O FUTURO DO ADVENTISMO: FERNANDO E ANA STAHL COMO UM ESTUDO DE CASO

Charles Teel Jr.¹

Resumo

Este texto é um estudo de caso sobre como os missionários adventistas impactaram o sistema educacional e a sociedade nos países em que atuaram.

Palavras-chave: Educação adventista. Fernando e Ana Stahl. Índios peruanos.

Abstract

This text is a case study on how Adventist missionaries helped shape the educational system and change the society of countries where they worked.

Key words: Adventist education. Fernando and Ana Stahl. Peruvian natives.

OS ALUNOS ADVENTISTAS E A HISTÓRIA DO ADVENTISMO: BOAS E MÁS NOTÍCIAS

A boa notícia: Os professores adventistas descobrem significado e motivação na história coletiva da Igreja Adventista (IASD). Quer sejamos membros de primeira, segunda, terceira ou quarta geração, nós nos orgulhamos da história que compartilhamos. Nascemos no grande desapontamento de 1844; nomeamos as bestas que espreitavam o apóstolo João no zoológico de Patmos; superamos as pressuposições paroquiais promovidas pelo incidente da “porta fechada” e nos libertamos dos preconceitos

antiorganizacionais provocados pela sombra de Babilônia. Assim, nos munimos do equipamento necessário para a proclamação da mensagem dos três anjos a cada nação, tribo, língua e povo. Por isso, é com entusiasmo que anunciamos que esta história coletiva nos pertence.

A má notícia: Enquanto parece que estamos relativamente seguros de nossa história coletiva, o que nos assombra, eu acho, é a questão de um futuro coletivo. Parece menos provável que os nossos jovens, em comparação com os das gerações passadas, se identifiquem com a história da IASD. Em resumo, na experiência adventista, a dimensão da

¹ **Charles Teel Jr.** é doutor em educação. Atualmente, é professor de religião e sociedade na Universidade de Loma Linda, nos Estados Unidos, e curador do Museu Fernando e Ana Stahl, na Universidade Adventista de La Sierra: cmteel@aol.com. Versão ligeiramente adaptada de um artigo publicado originalmente no **The Journal of Adventist Education** (usada com permissão).

crença geralmente não tem sido bem traduzida para a dimensão da *pertinência* (RICE, 1990, p. 22-31).

Uma dica: Narrar, representar e pesquisar as histórias missionárias do rico passado adventista podem ajudar a solucionar esse dilema. Tanto alunos do jardim da infância quanto estudantes universitários podem muito bem descobrir personagens cativantes na narrativa da história da IASD. Por sua demonstração da unidade de crença (*orthodoxia*) e ação (*orthopraxis*), esses heróis e heroínas podem inspirar a geração contemporânea a abraçar a história da IASD como sua própria história.

A COMBINAÇÃO DA TEOLOGIA E DA ÉTICA: A EXPERIÊNCIA ADVENTISTA COMO HISTÓRIA COMPARTILHADA

Eu acho que sei uma razão por que os jovens adventistas de hoje parecem menos inclinados a reclamar a história adventista como sua própria história. Eles não foram ainda expostos a ela. Portanto, eles a veem como irrelevante. Enquanto eles pensarem que a história da IASD não faz nenhuma diferença em sua vida ou na de outras pessoas, eles continuarão a procurar outras histórias com as quais se identificar.

Nós podemos recapturar a relevância da história da IASD ao afirmarmos a natureza *narrativa* dos textos e tradições da igreja. Isso mostrará que a *visão* adventista

se encontra integralmente relacionada à doutrina e à experiência adventista. O eticista e teólogo Stanley Hauerwas (1981, p. 90; MCCLENDON; SMITH, 1976) nos lembra que “não há doutrinas para a qual se devam buscar implicações morais; em vez disso, as doutrinas e a moralidade ganham sua inteligibilidade a partir das narrativas que nos prometam ajudar a ver e a agir de maneira apropriada ao caráter de nossa experiência”. Por isso, a

natureza da narrativa das convicções cristãs nos ajuda a ver que a “ética” não é o que se faz depois que obtivemos o significado e a verdade das crenças religiosas; em vez disso, a ética cristã oferece os meios pelos quais podemos explorar o significado, a relação e a veracidade das convicções religiosas (HOUERWAS, 1981, p. 90).

A igreja é primeiramente informada pelas histórias das Escrituras. Subsequentemente, a igreja dá à luz suas próprias histórias, que nos dão maior clareza e compreensão das histórias bíblicas. A igreja, Hauerwas (1981, p. 95-96) conclui, é, assim, “nada menos do que a comunidade onde nós, como indivíduos, continuamos a testar e a ser testados pela forma específica com que essas histórias vivem por nosso intermédio”.

Neste artigo, ofereço uma tese modesta: a história adventista só pode ser passada a nossos filhos a aos filhos de nossos filhos à medida que integramos teologia e ética. Somente quando os

jovens virem uma conexão entre doutrina e prática, eles perceberão a história adventista como sendo capaz de moldar e sustentar uma vida com significado. A significância das convicções adventistas se torna visível quando essas convicções são *vividas*.

O teólogo batista Jim McClendon (1986; TEEL JR., 1988, p. 3) faz eco a Hauerwas quando enfatiza a significância da história da igreja para a vida da igreja. Ele nos conchama a prestar atenção especial nas histórias de nossa comunidade da fé em particular. Ao fazer isso, McClendon diz, nós tanto evidenciamos a significância quanto testamos a validade de nossas convicções moldadas pelas histórias. Precisamos ser fiéis às narrativas, como Hauerwas sugere. No entanto, o significado dessa narrativa é, em si mesmo, narrativamente revelado por intermédio da vida daqueles que procuram ser fiéis a ela.

Será que é possível renovar uma geração de alunos adventistas contemporâneos se eles revisitarem suas raízes? E se eles descobrirem que a história da IASD conta com missionários, visionários e revolucionários? Uma história que poderia inspirá-los é o relato da fidelidade de Fernando e Ana Stahl, missionários no Peru, nos primórdios do século XX.

MISSIONÁRIOS, VISIONÁRIOS E REVOLUCIONÁRIOS

Fernando e Ana Stahl são nossos “pais espirituais”. O evangelho cristão que eles pregaram foi transformado em apresentações de peças não apenas nas igrejas, clínicas e escolas adventistas, mas também nos mercados municipais, nos tribunais e assembleias legislativas. No sentido mais verdadeiro, os Stahls foram missionários, visionários e revolucionários.

Esse tributo a dois missionários adventistas pioneiros não teria me surpreendido se tivesse originado nos que promovem as missões estrangeiras da IASD. Porém, os que me deram essa informação foram um padre católico e um pastor de outra denominação que residem nos altiplanos do Peru.

Um teólogo latino-americano, Samuel Escobar, também os elogia muito. Segundo ele, “o evangelho que veio para a América Latina com o protestantismo chegou com força libertadora porque trouxe consigo o poder da mensagem bíblica” (ESCOBAR, 1987, p. 18). Como prova disso, Escobar aponta para a obra dos Stahls e seus colaboradores nos altiplanos do Peru. Ele explica por que começa seu livro com a história da IASD: a IASD “oferece um exemplo dramático” do testemunho pessoal, social, econômico, jurídico, político e espiritual que pode ser evocado por uma fé autenticamente bíblica e evangélica (ESCOBAR, 1987, p. 18-20).

Gustavo Gutierrez (2000?), um teólogo católico peruano, é apenas um exemplo entre os inúmeros teólogos, políticos, acadêmicos e jornalistas de três continentes que elogiaram, com entusiasmo, a obra dos Stahls. Segundo ele,

Diante de severa injustiça, sofrimento e opressão, os Stahls se identificaram com os mais pobres dentre os pobres e corporificaram o evangelho em formas que profundamente impactaram a vida espiritual, social, econômica e política dos altiplanos peruanos. A experiência de nossos amigos Fernando e Ana nos conchama a viver com a tensão de representar o “agora” do reino de Deus enquanto reconhecemos que a plenitude do “ainda não” de tal reino ainda não se materializou na história humana.

Comentários como esses, oriundos de comunidades além de nossa própria comunidade religiosa, me deram uma nova perspectiva sobre uma história velha e, eu pensava, familiar. Meus estudos sobre a vida e obra dos Stahls sugerem que pode haver muitos capítulos na narrativa da história da IASD que precisam ser descobertos ou redescobertos.

Quem eram esses adventistas que ganharam tal admiração de fora da denominação à qual eles serviram? Convertidos à IASD quando ainda jovens no meio-oeste dos Estados Unidos, Fernando e Ana Stahl se voluntariaram para servir como missionários na América

do Sul durante a primeira década do século XX (WESTPHAL, 1948; 1968; BULLON PAUCAR, 1976). Quando souberam que a igreja não dispunha de recursos para lhes pagar as passagens, os Stahls e seus dois filhos pagaram suas próprias passagens para a América do Sul, deixando Main Street, nos Estados Unidos, para desembarcarem nos altiplanos da Bolívia e Peru, em 1909.

Ana empenhou suas habilidades profissionais como enfermeira, trabalhando para as elites, mas também para os necessitados. Fernando peregrinou pelas vilas indígenas, instintivamente aprendendo o que significava ser um missionário (WEARNER, 1988, p. 17). No entanto, ele logo descobriu que grande parte da população indígena não sabia ler. Além disso, as classes privilegiadas tinham todos os motivos para mantê-los sem educação e, assim, garantir suas próprias vantagens sociais e econômicas (STAHL, 1920, p. 85, 291).

Por volta de 1911, a colportagem com revistas ficou em segundo plano em relação ao estabelecimento de escolas, enquanto os Stahls se uniam ao visionário indianista e um dos primeiros conversos à IASD, Manuel Camacho, no lado peruano do lago Titicaca.

Um sistema social semelhante ao feudalismo dominava os altiplanos peruanos na virada do século. As barreiras geográficas impediam que as leis nacionais

fossem cumpridas nos altiplanos. As barreiras culturais criaram um sistema de castas. Com o apoio dos funcionários públicos e dos religiosos, um pequeno grupo de famílias brancas e mestiças que possuíam terras mantinha em submissão 95% da população de origem aimara e quéchua (HERRERA, 1982; KAPSOLI, 1984). Desapropriações de terras, trabalho forçado e taxas arbitrárias eram os principais instrumentos da opressão. Esses abusos provocaram uma série de revoltas violentas que eclodiam por todo o altiplano durante a década de trinta.

Analfabetos, sem oportunidades de educação, os povos indígenas tinham poucos contatos com o mundo fora da bacia do Titicaca (STAHL, 1920, p. 68-70). Camacho foi uma exceção, pois tinha conhecido alguns missionários protestantes em suas viagens além do lago. Seu lema de que a educação era “a única salvação da subjugação” na qual se encontravam, enfureceu a elite administrativa (CAMACHO, 1988). Como consequência, Camacho suportou, por uma década inteira, as ameaças, terror, espancamentos, prisões e raptos, destinados àqueles que tinham a temeridade de esboçar suas esperanças visionárias. Foi nesse contexto social que o projeto educacional dos Stahls floresceu.

PRIMÓRDIOS DA EDUCAÇÃO ADVENTISTA

Os Stahls talvez não pudessem ter articulado a definição do termo “sistema social quase feudal” que os historiadores usam para descrever o altiplano no início do século. Contudo, o livro de Fernando (1920, p. 85-88), publicado primeiramente em inglês e depois em espanhol, mostra uma percepção clara das injustiças perpetuadas por uma aliança profana formada por um trio que explicitamente identifica: juiz municipal, sacerdote da vila e rico latifundiário (STAHL, 1920, p. 105-107).

Os Stahls abraçaram a visão de Camacho para mediar salvação para o altiplano, lançando sua sorte com a dos povos indígenas. Fernando e Ana fizeram do altiplano sua paróquia. Durante uma década inteira, eles viajaram de mula, de cavalo e, mais tarde, em uma motocicleta Harley-Davidson, estabelecendo escolas, capelas, clínicas e mercados (HAZEN, 1975, p. 121).

As estatísticas são impressionantes. Fernando e Ana deram à luz um sistema educacional nos Andes que rodeava o lago Titicaca e incluía 200 escolas, que iam de humildes escolinhas de fundo de quintal a enormes internatos (HAZEN, 1975, p. 122; LEWELLEN, 1978, p. 130). Tão grande era a demanda de educação para os indígenas que o sucessor dos Stahls recebeu doze solicitações para abrir escolas em um único

dia (STAHL, 1917, p. 13; WILCOX, 1925, p. 8; 1961, p. 100). Nessas escolas, mais de dez mil quéchuas e aimaras receberam instrução.

Graças, em grande parte, a esses esforços educacionais, os membros batizados na Missão do Lago Titicaca chegaram a 6.579, em 1940. O censo nacional daquele ano mostrou quatro vezes esse número daqueles que se identificavam como protestantes (virtualmente todos esses teriam sido adventistas) na bacia do Titicaca. A IASD tinha, de fato, estabelecido firmemente sua presença no altiplano (HAZEN, 1975, p. 121).

Ainda assim, os números não fazem justiça às realizações dos Stahls. Os comentários pessoais colocam carne no esqueleto das estatísticas. A presença adventista conseguiu dar importante contribuição para as mudanças sociais e culturais que ocorreram no altiplano. Isso é confirmado pelo educador Ruben Chambi, filho do primeiro tradutor e guia dos Stahls: “o sistema educacional adventista abriu o caminho para que as populações indígenas dos altiplanos conquistassem identidade e autonomia. O evangelho dos Stahls tanto converteu corações quando alterou o tecido social dos altiplanos” (TEEL JR., 1988, p. 6-7).

A rapidez da mudança social nos altiplanos é percebida pelo fato de que este mesmo Ruben Chambi, somente uma geração distante do passado quase feudal

de Puno, foi eleito pelos punenos para o Congresso Nacional (CHAMBI, 1987).

RECONHECIMENTO PROGRESSIVO

Os Stahls e seus colaboradores adventistas receberam o reconhecimento entusiasmado de indianistas e intelectuais progressistas:

Um filho radical de Puno, cofundador de um círculo literário *avant garde*, *Grupo Orkopata*, cujo pai sapateiro foi o cofundador da primeira congregação adventista de Puno, descreveu as escolas de Plateria como iniciando “a revolução de Plateria” (CHURATA, 1932, p. xii).

O deputado federal e ex-reitor da Universidade San Marcos, uma das melhores de Lima, e bem conhecido por seu envolvimento na reforma agrária e melhoria educacional, estendeu sua solidariedade a esses missionários como “coobreiros” no “labor da redenção humana” (ENCINAS, 1932, p. 148-149).

O diretor da Biblioteca Nacional citou os Stahls e Camacho por nome, elogiando sua obra educacional como tendo alcançado “resultados imprevistos e transcendentais” (HERRERA, 1982, p. 95). Ele conclui com uma igualmente prestigiosa generalização sem ressalvas: “pela primeira vez, os índios tiveram acesso às letras, à higiene e à consciência de sua dignidade” (HERRERA, 1982, p. 95).

Os intelectuais progressistas, geralmente anticlericais, gostavam de

contrastar o método de evangelização dos Stahls com o dos sacerdotes:

Um liberal da capital da província de Arequipa argumentava que, enquanto os sacerdotes de Puno planejavam festas religiosas, seus colegas protestantes estabeleciam clínicas e escolas (MOSTAJO, 1927, p. 27-30).

Outro intelectual progressista notava que, enquanto os líderes protestantes ensinavam e curavam, seus colegas católicos dirigiam missas e planejavam “fiestas” (REYNA, 1928, p. 15-16).

Um influente crítico social, notório por sua falta de entusiasmo acerca de qualquer religião institucionalizada, observou, com aprovação, que, enquanto os jesuitas se contentavam em educar a elite e em desfrutar dos confortos de Lima, os adventistas enfrentavam os rigores do altiplano a fim de instruir as classes desfavorecidas (GONZALEZ PRADA, 1939, p. 85-89, 119).

Um educador de liderança nos Andes declarou que os sacerdotes das vilas trabalhavam para “salvar almas”, mas os Stahls trabalhavam para “salvar vidas” (RIOS apud HAZEN, p. 122; 402-414).

A REAÇÃO DOS CONSERVADORES

A retaliação aos esforços dos Stahls foi rápida e decisiva. A oposição clerical atingiu o auge em 3 de março de 1913, quando o bispo de Puno pessoalmente liderou uma turba de 200 homens a cavalo

para expulsar os “hereges” protestantes (STAHL, 1920, p. 131-133; KESSLER JR., 1967, p. 231-232). Depois de atacar a casa dos Stahls e de Camacho, aproveitando a ausência dos mesmos, a turba surrou oito crentes adventistas com um chicote de couro e os levou para a prisão na calada da noite.

O relato de Fernando nota como esses prisioneiros amarrados foram repetidamente agredidos por homens e animais enquanto caminhavam cerca de trinta quilômetros até a prisão, “sem chapéu e sem agasalho” (STAHL, 1920, p. 163). A subsequente absolvição e liberação dos prisioneiros não terminam a história. Os comentaristas da história da liberdade religiosa no Peru dizem que esse incidente proveu o ímpeto para a emenda constitucional de 1915 que garantiu a liberdade de expressão religiosa (MONEY, 1965, p. 37).

Mudanças *de jure* naturalmente não viram, de imediato, reforma *de facto*. À medida que as escolas adventistas se multiplicavam, também se multiplicava a oposição contra elas. Em inúmeras ocasiões, os Stahls mal salvaram a vida. Dezenas de crentes foram assassinados, escolas foram incendiadas, professores adventistas foram agredidos e há relatos que pelo menos um aluno foi espancado até a morte por ter se matriculado em uma escola adventista.

Os jornais conservadores fabricavam

alegações contra os adventistas. as Ameaças que eram percebidas contra a ordem estabelecida que essas escolas representavam foram explicitamente descritas em um relatório produzido em Azangaro, em 1923:

Essas falsas escolas evangélicas reúnem diariamente um grande número de pessoas ingênuas com anelos sociais suspeitos bem como índios ignorantes atraídos por premissas falsas e fantásticas. Nessas escolas, ensinam-se as mais depravadas e heréticas práticas e se prega a guerra de exterminação contra os católicos e a própria igreja. Nessas escolas, opera-se uma obra de dissolução. Espalham-se doutrinas do mais carmesim comunismo. Tentam-se destruir o patriotismo e o espírito nacional, inculcando-se os mais extremos e perigosos conceitos socialistas da igualdade das classes e das raças e de liberdade ilimitada para as massas ignorantes. (...) Nessas escolas, finalmente, ataca-se abertamente nosso sistema de propriedades (EL HERALDO, 1927).

Perto do término da permanência dos Stahls nos altiplanos, os intelectuais progressistas de Puno exigiram que uma comissão investigasse os abusos locais e que instituisse reformas, uma solicitação que foi atendida por Lima (MAYER, 1931, p. 57). Quando a comissão visitante chegou, Fernando aproveitou a oportunidade para exibir o *lobbying* por mudança social da parte dos alunos indígenas de Plateria. O comissário Erasmo Roca, chefe do Departamento do Trabalho do Ministério

do Desenvolvimento relata o “espetáculo” que Stahl orquestrou:

Que lindo espetáculo foi, para nós, ver, apenas alguns dias após nossa chegada a Puno, quase dois mil evangelistas índios [sic] da região de Plateria (...) que, em correta formação militar e dirigidos por duas bandas, desfilaram diante da comissão (BARRANTES CASTRO, 1935, p. 192).

Os habitantes da cidade vizinha de Azangaro devem ter seguido o exemplo dos “evangelistas” quando reuniram oito mil pessoas também “em correta formação militar” para saudar a comissão quando esta chegou a sua tensa cidade alguns dias depois.

Como resultado, latifundiários nervosos telegrafaram a Lima, solicitando reforços e pelo menos um indianista local foi detido preventivamente. Os jornais locais informaram que se cogitou fazer a mesma coisa com Fernando Stahl (EL SIGLO, 1920; BARRANTES CASTRO, 1935, p. 253-254).

Os Stahls, sem dúvida, se alegraram em contrastar a marcha forçada de 1913 em Plateria com a demonstração de solidariedade que Fernando foi capaz de organizar apenas sete anos mais tarde. O grupo anterior de oito cativos tinha sido açoitado e forçado a caminhar “sem chapéu e sem agasalho” a mesma distância sob injúrias e agressões dos cativos e dos transeuntes. Agora, esse caminho foi percorrido por uma multidão de aimaras

e quéchuas disciplinados desejosos de demonstrar aos dignitários visitantes que o evangelho os havia libertado das principalidades e poderes externos e internos que outrora os havia mantido em escravidão.

POST-SCRIPTUM CONCLUSIVO, MAS NÃO CIENTÍFICO

As respostas de poetas, políticos e acadêmicos em três continentes ao capítulo dos Stahls da história da IASD sugere que a narrativa permanece inspiradora. A canalização dessa capacidade para inspirar há de nos capacitar a transmitir nossa herança adventista com sucesso.

Se nós professores devemos articular um relato da história adventista

que seja visivelmente atrativo para nossos alunos, precisamos demonstrar que essa história faz a diferença. Mostrar para eles como a identificação com a história adventista molda e sustém nossa vida dará apoio à nossa alegação de que essa história deve ser levada a sério. Isso dará significado à nossa história e destacará sua validade. A história adventista, dessa forma, proverá esperança e confiança renovada àqueles, jovens ou não tão jovens assim, que ficam imaginando se essa história é verdadeira. Só quando contarmos histórias como a dos Stahls, que integram o crer e o ser de um modo que somente as histórias conseguem fazer, poderão nossos alunos continuar a sentir a necessidade de pertinência.

REFERÊNCIAS

BARRANTES CASTRO, Pedro (Ed.). **Por la clase indigena**. Lima: Biblioteca de la Revista de Economía y Finanzas, 1935.

BULLON PAUCAR, Alejandro. **Él nos amaba**. Buenos Aires: Sudamericana, 1976.

CAMACHO, Jorge. **Entrevista**. Juliaca, Peru: dez. 1988.

CHAMBI, Ruben. **Entrevista**. Lima, Peru: dez. 1987.

CHURATA, Gamaliel. Prologo. In: ENCINAS, Jose Antonio. **Un ensayo de escuela nuevo em el Peru**. Lima: Minerva, 1932.

EL HERALDO. 2 jun., 1926.

EL SIGLO. 9 ago. 1920.

ENCINAS, Jose Antonio. **Um ensayo de escuela nuevo em el Peru**. Lima: Minerva, 1932.

ESCOBAR, Samuel. **La fe evangelica y las teologias de la liberación**. El Paso, TX: Bautista, 1987.

GONZALEZ PRADA, Manuel. **Propaganda y ataque**. Buenos Aires: Iman, 1939.

GUTIERREZ, Gustavo. **Las raices radicales del adventismo en el altiplano peruano**. Lima, Peru: Stahl Center Conference, 2000?

HAUERWAS, Stanley. **A community of character: toward a constructive Christian social ethic**. South Bend: University of Notre Dame Press, 1981.

HAZEN, Dan Chapin. **The awakening of Puno government policy and the Indian problem in south Peru: 1900-1955**. Ann Arbor, Mich.: University of Michigan, 1975.

HERRERA, José T. **Historia social e indigenismo en el altiplano**. Lima: Treintaitres, 1982.

KAPSOLI, Wilfredo. **Ayllus del sol: anarquismo y utopia andina**. Lima: Tarea, 1984.

KESSLER JR., Jean-Baptiste August. **A study of the older Protestant mission and churches in Peru and Chile with special reference to the problems of division, nationalism, and native ministry**. Goes, Holanda: Oosterbaan, 1967.

LEWELLEN, Ted. **Peasants in transition: the changing economy of the Peruvian Aymara – a general systems approach.** Boulder, Colo.: Westview, 1978.

MAYER, Dora (Ed.). **El indigena pervano a los cien años de republica libre e independiente.** Lima: Casanova, 1921.

MCCLENDON JR., James W. **Ethics: systematic theology.** Nashville: Abingdon, 1986.

MCCLENDON JR., James W.; SMITH, James M. **Understanding religious convictions.** South bend: University of Notre Dame Press, 1976.

MONEY, Herbert. **La libertad religiosa en el Peru.** Lima: Antartida, 1965.

MOSTAJO, Francisco. Diez horas con don Francisco Mostajo. **La Sierra**, p. 27-30, jan. 1927.

REYNA, Ernesto. Evangelista. **La Sierra**, p. 15-16, maio 1928.

RICE, Richard. But the greatest of these is belonging. **Spectrum**, n. 203, p. 22-31, abr. 1990.

STAHL, Fernando. Opening in the lake Titicaca region. **Review & Herald**, 1 fev. 1917.

_____. **In the land of the Incas.** Mountain View, CA: Pacific Press, 1920.

TEEL JR., Charles. Missionaries, visionaries, and revolutionaries. **Adventist Heritage**, v. 12, n. 2, p. 3, 1988.

WEARNER, Robert G. **Fernando Stahl: missionary to Peru.** Adventist Heritage, v. 12, n. 2, p. 17, 1988.

WESTPHAL, Barbara. **Bride on the Amazon.** Washington, DC: Review & Herald, 1948.

_____. **Ana Stahl of the Andes and the Amazon.** Mountain View, CA: Pacific Press, 1968.

WILCOX, E. H. Indian believers: thirty calls for teachers unanswered. **Review & Herald**, 15 jan. 1925.

_____. **In perils oft.** Nashville: Southern, 1961.